

ENVELHECIMENTO NA DÉCADA DE 1980 E O TEMA NA MANCHETE

ANA MARIA MARQUES*

RESUMO

Este artigo discute uma produção discursiva sobre envelhecimento e gênero na década de 1980. A preocupação com o crescimento da população com mais de 60 anos de idade mobilizou vários segmentos sociais no sentido de garantir “qualidade de vida” a estas pessoas. A mudança do(a) velho(a) - que se tornou sujeito da terceira idade, ou idoso(a) - envolveu um investimento de alterações discursivas. Os discursos, por vezes, se confundiam, pois ao primar pela “vida ativa” (com apelo aos referenciais da juventude: beleza para as mulheres e virilidade para os homens, por exemplo), negavam a própria velhice, excluindo, sobretudo, as camadas mais pobres. Constituíram a base empírica da pesquisa para este artigo a revista Manchete da década de 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento, década de 1980, revista Manchete.

ABSTRACT

This article focus on the discursive production on age and gender in the 1980's. The concern with population growth over 60 years old mobilized several social sectors to ensure “quality of life” to these people. The change from young to old, which became the subject of old age, or elder, involved an investment of discursive changes. These speeches sometimes were confusing, because when they strive for “active life” (with references to the appeal of youth, beauty for women and virility for men, for example), denied the very old age, excluding in a particular way the poorest. Formed the empirical basis of research for this article the Manchete magazine of the 1980's.

KEYWORDS: Ageing, 1980's, Manchete magazine.

O recorte empírico deste artigo considera textos e imagens que tratam do envelhecimento. Foi selecionada uma mídia de ampla circulação nacional na década de 1980: a revista *Manchete*. As imagens e matérias da revista representaram, de certa maneira, um padrão, uma forma de mostrar o(a) idoso(a) que nos permite perceber onde centram os aspectos mais valorativos e onde silenciam ou escamoteiam aspectos considerados, por vezes, de menor importância (comercial ou não) que atingem as subjetividades. O que significa dizer que o público não é necessariamente modelado pela mídia, mas que as imagens e textos podem ter permitido, bem como foram resultado, de múltiplas escolhas dos editores e leitores. Como diz Michel de Certeau: “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”.¹ Então, ele orienta para que:

[...] a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga, no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribuiu.²

Os periódicos pesquisados compõem parte do acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Eventualmente, alguns exemplares, tanto dos jornais como das revistas, estão ausentes na sequência cronológica da consulta, talvez por descuido do doador, dos responsáveis pela organização deste material ou pelo próprio manuseio inadequado de pesquisadores que chegam, em alguns casos, a arrancar páginas do periódico. Dessa forma, o recorte (uma forma caprichosa de arrancar) feito foi - também uma seleção do possível à pesquisa.

Ao trabalhar com essas mídias, sempre a mesma pergunta se manteve ao revirar as páginas: o que e de que maneira se falava sobre envelhecimento naquela época, mesmo quando palavras como “velho”, “velhice”, “idoso”, “idosa” ou “terceira idade” não apareciam?

Os desdobramentos das redes midiáticas contribuíram sobremaneira para dar visibilidade a temas até então pouco debatidos. Em pleno momento em que

se discutia a abertura política, os direitos e a cidadania, nesse rol a velhice encontra também um espaço de discussão.

A explosão dos grupos de “terceira idade”

Peter Gay, ao dissertar sobre as defensivas discursivas dos homens para esconder seus medos das mulheres no século XIX, em especial para justificar a incapacidade delas para as carreiras acadêmicas, conta que a retórica utilizada por alguns mascarava “suas ansiedades mais primitivas”. Conclui: “Nesses debates angustiados e inconclusivos acerca do verdadeiro lugar que cabia à mulher, o medo da mulher e o medo diante das mudanças se encontram e se fundam numa coisa só”.³

Ainda atualmente a participação massiva de mulheres nos grupos de “terceira idade” é bastante significativa, apesar de serem atravessados por discursos que falam sobre a importância de um diálogo intergeracional. O discurso da velhice ativa tornou-se contundente. Andréa Moraes Alves, antropóloga que estudou o comportamento de mulheres idosas em bailes de dança da cidade do Rio de Janeiro, diz:

As mulheres que hoje frequentam os espaços de terceira idade são unânimes em discursar contra a repressão de sua época de jovens e reproduzem discursos da “velhice ativa” como justificativa para a entrada nos grupos de terceira idade e sinônimo de libertação. “Ficar em casa” tornou-se um atestado de incapacidade.⁴

A antropóloga Andrea Lopes lembra que a gerontologia tomou força na década de 1980, quando a geriatria assumiu mais autonomia e foi crescendo também a influência internacional, pois muitos sócios da SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia) foram participar de eventos no exterior ou realizaram cursos de pós-graduação.⁵

A ANG (Associação Nacional de Gerontologia) foi criada em 1987, resultado da cisão dentro da SBGG, provocada pelo debate interno entre médicos, geriatras e gerontólogos. Um grupo de gerontólogos estavam “insatisfeitos com a quantidade de poder e posição dispensada para sua presença dentro da entidade”.⁶ Com a separação, a ANG passou a agregar não

só profissionais e acadêmicos, mas associações de idosos e pessoas interessadas na questão da velhice.

As parcerias com diferentes instituições nacionais e internacionais, autoridades e órgãos públicos foram dando credibilidade e fortalecendo, inicialmente, a geriatria, como uma especialidade médica, e a gerontologia, com outros profissionais. Talvez, concordando com um dos entrevistados por Andrea Lopes (ela não cita os nomes dos entrevistados, mas supus ser um dos diretores da SBGG), “quando a idade for um elemento irrelevante para a organização da sociedade, a gerontologia não vai ter nenhum sentido de existir”.⁷ Em Santa Catarina, a emergência da gerontologia ajudou a pensar e construir discursos e ações voltadas à população idosa. Apesar dos debates e das divergências que essa “área” multidisciplinar criou, por conta da sua não especificidade, esse momento da década de 1980 foi muito rico e de fundamental importância no debate sobre as questões do envelhecimento.

O comércio do envelhecimento através da revista *Manchete*

A pesquisa na revista *Manchete* teve o objetivo de perceber como esse veículo de comunicação impressa, de grande expressividade no mercado brasileiro, tratava a velhice. Nos sumários de suas edições, foram perseguidas as reportagens ou notícias que, de alguma maneira, traziam à tona alguma referência às preocupações com o envelhecimento.

A revista *Manchete* surgiu na década de 1950 e era considerada a segunda maior revista brasileira da época. De concepção moderna, a publicação tinha como fonte de inspiração a ilustrada parisiense *Paris Match* e utilizava, como principal forma de linguagem, o fotojornalismo. A *Manchete* atingiu rápido sucesso e, em poucas semanas, chegou a ser a revista semanal de circulação nacional mais vendida do país, destituindo a renomada e, até então, hegemônica *O Cruzeiro*. A *Manchete*, da Bloch Editores, circulou até o ano 2000.

Embora com cinco décadas de circulação, a pesquisa ateu-se à revista *Manchete* publicada na década de 1980. O acervo pesquisado é composto por doação e, eventualmente, alguns exemplares foram extraviados. Ao iniciar pela composição das capas, pode-se concluir, grosso modo, que velhos “não

vendem” revista, no sentido de que, se a intenção era atrair o comprador com “imagens atraentes”(mulheres jovens e bonitas eram recorrentes, por exemplo), muito raramente uma pessoa idosa era capa da revista.



Manchete, n. 1.634, 13/8/1983



Manchete, n. 1.891, 16/7/1988

As duas imagens anteriores, colocadas lado a lado, servem para dar uma ideia de quanto a imagem da beleza feminina, o corpo escultural da mulher personificado na imagem da modelo Luiza Brunet, que foi capa de vários números da revista na década em questão, era valorizada. A velhice só se personificava e se tornava motivo de capa quando algum personagem célebre morria – como na capa que mostra Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Mesmo na edição que mostra o corpo jovem da modelo, recorre-se ao expediente das técnicas de “rejuvenescimento sem plástica”, onde havia, de maneira recorrente, um apelo comercial aos tratamentos para evitar o envelhecimento.

A pesquisa de André Pires⁸ sobre as revistas *Claudia* e *Playboy*, comparando os anos 80 com os 90, mostrou que a beleza da mulher sempre era mais cobrada e o envelhecimento tornou-se um mal a ser evitado à custa de muito esforço (dietas, exercícios, tratamento médico), enquanto os sinais da velhice nos homens, como rugas e cabelos brancos, eram apresentados como “charme”.

Núcia de Oliveira⁹ buscou na pesquisa histórica com revistas (*O Cruzeiro*, *Claudia*, *Vogue*, *Elle*, *Status* e *Playboy*) identificar as diferenças entre homens e mulheres expressas nessas mídias. Ela percebeu que foi só a partir da década de 1980 que o nu feminino passou a ser publicado nas revistas pesquisadas, pois antes era censurado. E a exposição do corpo masculino, que também passou a ser valorizada nessa época, estava mais voltada para a “boa forma” – um homem “distinto” era um homem bem cuidado, bem-arrumado, bem-humorado. Enquanto a beleza, para as mulheres, era sinônimo de feminilidade, delicadeza, cuidado e intervenção na estética do corpo.

Nessa pesquisa apresentada, entende-se, como Núcia de Oliveira, que as mídias interferem nos mecanismos de subjetividades. Sobretudo nas últimas décadas, quando passamos a experienciar essa profusão de mensagens e significados textuais e visuais que atravessam, marcam e produzem identidades. A leitura, assimilação, interpretação e produção das imagens, que são também discursos, tornam-se facilitadas, já que os veículos atingem todas as camadas sociais e acabam por imprimir, também, possibilidades de mudança, de escolha, de atitude das pessoas. Na perspectiva de Stuart Hall, as identidades são construídas nos discursos, nas práticas e posições que podem se cruzar ou não, mas estão sujeitas a uma historização.¹⁰

Após uma seleção de reportagens e imagens que faziam referência à velhice, mesmo quando a negavam, organizei uma tabela em ordem quantitativa decrescente das ocorrências dos temas nas revistas pesquisadas.

Temas	Quantidade de vezes que aparece(m):
Comemoração de idade avançada de pessoas “célebres”	21
Ciência a serviço do rejuvenescimento (beleza, saúde, virilidade e fertilidade)	12
Falecimento de pessoas “célebres” em idade avançada	8
Comportamento sexual	4
Trabalho voluntário	1
Eventos internacionais que repercutem no Brasil	1
Reunião de idosos	1

As reportagens homenageando pessoas que ultrapassaram a média dos 65 anos para aquela década destacavam algumas que se tornaram célebres – reconhecidas pela sua obra e/ou atuação social, geralmente do meio literário e/ou artístico, tanto nacional como internacional. Esse tipo de referência à velhice foi o mais recorrente, como se pode observar na sequência.

“Rose Kennedy chega aos 90 anos.” A revista¹¹ conta que a matriarca da família Kennedy tivera dois filhos assassinados, perdera um filho na guerra e uma filha em acidente de avião, outra “nasceu retardada” (o que teria feito Rose se dedicar a ajudar instituições de “crianças anormais”) e o filho Edward fora derrotado na campanha à presidência dos Estados Unidos. Ela declarou: “Fico muito feliz por ver minhas filhas e noras engajadas nas campanhas políticas, fazendo discursos, como eu fiz. Fui a primeira mulher a fazer campanha política, a participar, numa época em que as mulheres nem tinham direito a voto. Mas, agora, *estou ficando velha*” (itálico da revista). A reportagem, terminada por esse grifo, parece querer dizer que a personagem em destaque, apesar das agruras pelas quais passou, nem sentia que envelhecera e mostrava ter valido a pena viver muito, sentia-se orgulhosa.

Jean-Paul Sartre foi entrevistado por Hélio Carneiro, da sucursal de Paris, aos 75 anos de idade e, segundo a matéria, ele apresentava “graves problemas de saúde”, embora a entrevista só dissesse que ele estava “quase cego”. Seu depoimento:

Todo mundo me trata como um velho. Eu fico sorrindo. Por quê? Porque um velho nunca se sente velho. Através dos outros, compreendo o que a velhice significa para quem a vê do exterior. Mas não sinto minha velhice. Portanto, minha velhice não é algo que, em si mesmo, possa me ensinar alguma coisa. O que me ensina alguma coisa é a atitude dos outros em relação a mim. [...] A velhice é a minha realidade que os outros sentem. Eles me veem e dizem: esse bom velhinho... E são amáveis porque vou morrer dentro em breve. E são também respeitosos etc. Os outros é que são minha velhice.¹²

O ator Anthony Quinn¹³ foi apresentado no vigor dos seus 66 anos de idade, em 1981, quando se dizia “em lua de mel com a vida”, sem pensar na velhice ou na morte. Dizia, segundo transcrição da revista:¹⁴ “Quando tudo acabar, acabou. E pronto. Não fico pensando neste tipo de problema,

simplesmente porque ele, para mim, inexistente”. Em plena atividade cinematográfica, Quinn não parecia se preocupar com uma questão que estava posta pelos outros sobre o envelhecimento e suas consequências. Ele posava despojado, então, com seus filhos e sua nova esposa.

Henriqueta Briebe¹⁵ falava sobre seus 80 anos de idade no mesmo ano de 1981, quando então fazia sucesso no papel da “pornô-mãe” de Bô Francineide (personagem de Jô Soares). Ela não considerava sua idade, em si, um impedimento na vida profissional, pois dizia: “Só deixarei de trabalhar quando não conseguir memorizar minhas falas, quando ficar impossibilitada de andar ou ninguém mais me convidar”.¹⁶ Na imagem da revista, Briebe exibia uma estampa de positividade e alegria.

No mesmo ano, Benny Goodman completava 72 anos de idade e 60 de carreira musical como clarinetista. Em plena atividade profissional, a revista destacava um “segredo da boa forma”: “Ele se mantém em forma nadando regularmente na piscina do Manhattan Excelsior Club”.¹⁷ Mesmo tendo falecido na mesma década, em 1986, não encontrei nenhuma notícia sobre esse fato na *Manchete*.

Abelardo Barbosa completava, também em 1981, 65 anos de idade e 25 anos de televisão, no total dos 46 anos de carreira iniciada em rádio, segundo as contas da *Manchete*, que colocava como título de reportagem: “Toda a lúcida loucura de um certo Abelardo”.¹⁸ No final da mesma década, a revista trazia como reportagem de capa¹⁹ o anúncio da morte do “velho guerreiro”, acometido de câncer no pulmão aos 70 anos de idade. A revista lembrava que uma semana antes de seu falecimento, ele ainda gravara seu último programa da “Discoteca do Chacrinha”, que foi ao ar quando ele já havia falecido.

Betty Friedan,²⁰ aos 60 anos de idade, em 1981, anunciava seu mais recente livro, *The second stage*, que segundo ela, como mostra a *Manchete*, aborda a fragilidade provocada pelo movimento feminista da década de 1960 por ter causado uma antipatia “pelos valores do coração e do lar”, prejudicando a luta pela igualdade e colocando os homens como inimigos. Ela anunciava que, para a década seguinte, desejava mais tempo para si: “para música, viagens, diversões e frivolidades – eu me reservo o direito de ser frívola”. E sobre casamento, ela, que estava divorciada desde 1969, teria dito:

Não me incomodaria. Toda esta questão da dependência/independência é alarmante. Mas, se tentarmos viver livres de dependência emocional, perdemos algo da vida. É melhor se pudermos nos envolver a partir de uma posição economicamente independente. Estou contente por poder fazer isso.²¹

De certa maneira, podemos perceber que o movimento feminista permitiu uma nova configuração da vida “independente” para as mulheres que já alcançavam o envelhecimento.

Eleazar de Carvalho,²² reconhecido maestro brasileiro, questionado sobre seu sentimento com relação à idade de 70 anos, que completava em 1982, respondera: “Sabe que não tenho a menor ideia? Esqueci completamente a minha idade. Isso não é assunto para reportagem”.²³ Esse questionamento para saber sobre um suposto sentimento de “ser velho” era sempre levantado nesses tipos de entrevistas.

Ainda com 52 anos de idade, em 1982, Grace Kelly, a princesa de Mônaco, em reportagem na qual falava da educação das filhas, do casamento de 26 anos com o príncipe Rainier e de suas produções artísticas, foi questionada sobre seu sentimento em relação à velhice, e respondeu:

Ninguém gosta da ideia de envelhecer. É uma questão de enfrentar o inevitável e não se deixar ficar perplexo com isso. Ninguém se sente velho até começar a sentir dores e ser obrigado a adaptar suas atividades. Isto não aconteceu ainda. Estou feliz e em busca do que virá a seguir. Quando eu for avó, será uma experiência maravilhosa.²⁴

Mas naquele mesmo ano a princesa morreu num acidente de carro. Nos anos subsequentes eram frequentes as notícias (de capa, inclusive) sobre o comportamento “rebelde” das princesas herdeiras (Stéphanie e Caroline). Embora a idade de 52 anos não fosse ainda parâmetro de referência para identificá-la como velha, era a velhice um elemento que poderia abalar o que tanto admiravam na princesa: a beleza.

“MANCHETE entrevista o maior poeta do Brasil à véspera dos seus 80 anos e ouve suas opiniões sobre a vida e a poesia:” Carlos Drummond de Andrade. A revista perguntava ao poeta como encarava a vida aos 80. Ele teria respondido:

Sou um conservador. Procuo ver a vida com liberdade de julgamento, com consciência, e, se vejo coisas erradas, na medida em que posso, escrevo no jornal, contestando, dando minha opinião. Apenas não desejo influir como político, não desejo influir como ativista. Eu sou apenas um escritor que procura dar sua opinião com lealdade, mas sem a pretensão de corrigir ou de melhorar o mundo. Mesmo porque, isso não depende de um indivíduo. Depende de uma evolução muito lenta e muito penosa.²⁵

Na entrevista, falava apenas de sua produção intelectual que, por sua vez, indicava sua percepção sobre a vida. Sua morte, cinco anos depois, revelou, de certa maneira, forte ligação à vida familiar. Ele faleceu 12 dias após a morte de sua única filha, Maria Julieta.

Orlando Teruz: 80 anos de vida, 62 de pintura. Artista plástico, “continua fiel à sua técnica e à sua estética”, anunciava a *Manchete*, de 1983.²⁶ No ano seguinte, ele faleceu, sem nota na revista. Enquanto Célio Borja, advogado; Jorginho Guinle, “homem da sociedade”; Fernando Torres, ator; Tom Jobim, músico, depõem sobre suas experiências bem-sucedidas de cinqüentões. A revista anunciava que “A idade limite do vigor humano muda. Antes se achava que a vida acabava após os 40. O prazo foi inflacionado por mais uma década”.²⁷ Orlando, então, parece desfrutar do lucro da vida (com vigor), que na fala da revista, terminaria aos 50.

A decadência de Salvador Dalí foi acentuada pelas fotos e descrições narrativas: “O Dalí de agora, aos 80 anos. Doente, os agressivos bigodes caídos, o passo titubeante – uma sombra do mestre que renovou a pintura, deu ênfase ao surrealismo e agressividade exibicionista às suas palavras. O mal de Parkinson roubou-lhe os pincéis da mão”.²⁸ E o “último monstro sagrado” resistiu à vida até 23 de janeiro de 1989.²⁹ A *Manchete* trouxe uma seleção de fotos irreverentes dele, de algumas de suas obras, com a esposa Gala, com quem viveu até sua morte em 1982 (ela era dez anos mais velha que ele), e a derradeira foto, no hospital, recebendo a visita do rei Juan Carlos II, a quem ofereceu o livro de poemas *Ode à Monarquia*, com sua última ilustração. O que poderia parecer um último ato de rebeldia e afronta parece na foto ser uma indulgência do monarca ao decrépito.

Também a atriz hollywoodiana Greta Garbo³⁰ não escapou das imagens comparativas dos anos áureos de sucesso e os de decadência física, pela *Manchete*:

Greta Louise Gustafson [sic], 82 anos, caminha com dificuldade e segurando o braço da enfermeira que a acompanha. Poderia percorrer a Suíça inteira sem despertar atenção, mas há um detalhe: ela não é uma anciã qualquer, trata-se do maior mito vivo do cinema – Greta Garbo. Trêmula, os cabelos embranquecidos e o rosto marcado, nada em sua figura faz lembrar a Divina, a mulher que na década de 30 fugiu da glória e da fortuna com a frase antológica: *I want to be alone!*³¹

A matéria da *Manchete* continua explicando que ela desmentira mais tarde que quisesse se referir a um exílio quando disse aquela frase célebre, pois era apenas um pedido para que a deixassem em paz. Diz ainda a revista que ela fugira de um casamento milionário, não teve filhos e sua biografia, então recentemente publicada pela Editora Doubleday, revelara que ela teria vivido o “grande drama” de nunca ter assumido a homossexualidade.

Orígenes Lessa, homenageado com encarte especial, também foi lembrado pela revista³² nos seus 80 anos de vida, completados em 1983, quando consagrado pela adaptação televisiva de sua obra *O feijão e o sonbo*. Em resposta à pergunta fatal, ele disse não temer a morte e ser esse um tema recorrente nas coisas que escrevia. Como quem quisesse dizer: quem quer saber, que leia meus livros. Três anos depois, ele faleceu e também não foi noticiado pela revista.

Uma reportagem³³ mostra a rotina de trabalho, em 1986, do “operário do coração”, Dr. Zerbini, que há quase 50 anos “inspirou, construiu e dirigiu” o Instituto do Coração, em São Paulo. Ele “chega aos 75 neste 7 de maio, não se permite à licença poética do ócio”. Dedicava-se ao tênis nas horas vagas. Atribuía sua longevidade, segundo a matéria, à herança hereditária.³⁴

Dercy Gonçalves estava “inteira aos 80”,³⁵ anunciava a *Manchete*. O editor da revista³⁶ também comemorava no mesmo ano a mesma idade e escrevera uma crônica para agradecer a festa oferecida pelo empresário Mário Amato, em homenagem aos seus 80 anos. Na crônica memorialística,³⁷ ele lembrava de quando chegou ao Brasil e, como judeu, logo foi buscar conselho com o rabino Rafalóvitch, depois contava momentos marcantes de sua vida,

como a viagem à União Soviética de Gorbachev. Mostrava-se otimista com o crescimento do Brasil e das empresas Bloch, que sucumbiram na década posterior.

Em 1987, às vésperas de completar 80 anos, Katharine Hepburn³⁸ dava dicas de como se manter “em forma”: dormir até 12 horas por noite, dormir e acordar cedo, cuidar do jardim e assistir à televisão. A reportagem conclui: “Com quatro Oscar, ela é um dos últimos mitos vivos do cinema”.³⁹

“Karajan: o último imperador da música” comemorava seus 80 anos de idade lançando sua autobiografia *Histoire de ma vie*, com a colaboração do seu ex-discípulo Franz Endler, segundo quem assina a matéria sobre o maestro – Eduardo Francisco Alves. Herbert von Karajan estava na batuta da Filarmônica de Berlim havia 34 anos, até aquele momento, quando o redator conclui “[...] quando ele não puder mais reger uma orquestra, toda uma era, a mais inflamada na história da criação musical no Ocidente, estará chegando ao fim”.⁴⁰ Ele posara de imperador. Um ano depois Karajan faleceu, poucos meses depois de deixar a orquestra – que continua.⁴¹

Também Dom Hélder Câmara comemorava seus 80 anos de idade, em 1989. “Aposentado de suas funções de arcebispo de Olinda e Recife. Desde o Concílio Vaticano II, ele abraçou a causa da ‘igreja dos pobres’”.⁴² Ele teve significativa atuação como representante da chamada “Teologia da Libertação”, que, de dentro da Igreja Católica, engrossou as fileiras dos movimentos sociais de cunho esquerdo-marxista. Dom Hélder faleceu dez anos depois.

Com exceção dos já citados, quando elenquei os que foram reportagem por conquistar a vitória de ultrapassar os 60, 70 e, sobretudo, os 80 anos de idade, foram lembrados pelo episódio de seus respectivos falecimentos: Alfred Hitchcock,⁴³ Cartola,⁴⁴ Simone de Beauvoir,⁴⁵ Jorge Luis Borges,⁴⁶ John Huston⁴⁷ e Volpi:⁴⁸ destaque em seguida, dois desses.

Não é possível saber pela reportagem se a foto de Simone de Beauvoir era recente a seu falecimento. A julgar pelos cabelos, eu diria que a foto é anterior à morte de Sartre, pois no réquiem ela aparece com os cabelos bem branquinhos e até um pouco calva. Todavia, a foto que fica registrada parece falar mais sobre a imagem que se quer deixar na lembrança: a intelectual dedicada aos livros, à leitura e à escritura. Já que Beauvoir tem muito a ver com

as reflexões sobre o envelhecimento, nada mais pertinente do que mostrar ela mesma na sua velhice.



Manchete, n. 1.775, 26/4/1986

Um número anterior ao que anunciou a morte do escritor argentino Borges e o número posterior da *Manchete*, que anunciou seu falecimento, polemizaram o fato de ele ter se casado à beira da morte (*Manchete*, n. 1.780, 31/5/1986). E o pior parecia ser o fato de a noiva, Maria Komona, ter menos da metade da idade do escritor, pois era questionado a ambos, que se negavam a dar explicações, quais interesses envolviam seu casamento. As frases de chamada mostram bem o que a revista quis polemizar.

Essas pessoas cujas biografias foram investigadas fizeram a pesquisa entrar num campo, relativamente recente e polêmico, da história cultural. A viagem pelos percursos de vida é empolgante e fascinante. O trabalho biográfico permite não só conhecer a pessoa biografada, mas suas relações parentais, de época e do próprio pesquisador que (re)compõe suas próprias memórias.⁴⁹

Na categoria chamada aqui de “ciência a serviço do rejuvenescimento”, incluindo a ideia de padrão de beleza, virilidade e fertilidade, foram identificadas 11 reportagens durante a década de 1980 na revista *Manchete*. Uma boa parte traz como conteúdos experiências que prometiam vida longa na perspectiva de

continuar jovem – ativo(a) profissional, afetivo(a) e sexualmente, bonito(a) e fértil. Em geral, reproduziam o que vinha dos Estados Unidos, da França e, com menos incidência, de outros lugares (da Europa ou Brasil).

Os suplementos alimentares do casal Durk Pearson e Sandy Shaw, já proclamados como promessa de longevidade na bem-sucedida publicação *Life Extension*, do final da década de 1970, eram lembrados pela revista, que trazia também um debate com o dr. Leonard Hayflick, da Universidade da Flórida, apontando para o perigo de as pessoas se orientarem por um livro, enquanto os autores, ambos com 39 anos, eram as próprias cobaias: “O par ingere aproximadamente 30 substâncias por dia, entre vitaminas, hormônios, minerais e aminoácidos”.⁵⁰ Outro casal, Zion Yu e Yu Hsiao Ping, médicos chineses que tinham uma clínica de rejuvenescimento em Los Angeles, usava a acupuntura e raios laser, “restaurando a juventude no rosto de homens e mulheres mais velhos”.⁵¹ Ainda de Los Angeles, da Universidade da Califórnia, o cientista Roy Waldorf, “cuja reputação é aclamada nos quatro cantos do mundo”, apregoara:

A regra áurea para se viver mais e conservar a juventude está na ingestão diária de uma ração alimentar, compreendida entre 1.500 e 1.800 calorias. Mas isso não é tudo. Deve-se abolir totalmente da alimentação as gorduras cozidas, os alimentos gordos, todas as carnes (exceto aves), os alimentos industrializados, os molhos e diminuir o máximo possível a ingestão de bebidas alcoólicas.

Em casos especiais, o cientista recomendava a utilização de procaína e antioxidantes, além de exercícios físicos. O médico se dizia, na matéria, cobaia de seus conselhos havia três anos e que, desde então, tornara-se sexualmente mais ativo. E concluiu:

Quando se sabe que se vai viver longamente, o mundo não tem mais fronteiras, todos os desejos podem ser realizados e há um crescente interesse em começar algo novo. E, convenhamos, que melhor coisa pode haver que a experiência da maturidade a serviço do corpo ágil, sadio e jovem?⁵²

Novamente aparece a noção de corpo ativo ligada à sexualidade, especialmente para os homens, como se enfatiza também na sequência.

Da França vem o anúncio da publicação do ginecologista dr. David Elia, que publica o *best-seller* *Les hommes*, no qual propunha um novo ramo da medicina: a andrologia. O doutor, segundo matéria da revista, considerava problemático que os homens, quando necessitavam de acompanhamento médico para “problemas deles”, procuravam urologistas, dermatologistas e até ginecologistas. Ele defendia, também, que “os homens não têm que temer a velhice, pois são sexualmente ativos até o último dia de vida”.⁵³ Outra da França: uma “Associação para a Luta contra a Velhice”, em Quiberon. Entrevista com os seus membros revelara algumas dicas para se “viver 100 anos sempre jovem”: evitar sapatos altos, considerar o patrimônio genético e a higiene da vida, cuidados com problemas arteriais (“ver a idade das artérias”) e procurar meios terapêuticos (implantes placentários, procainoterapia, endocrinoterapia e a vitaminoterapia) e ainda apontava a gerontologia como “a nova especialidade do rejuvenescimento”.⁵⁴

Imbuída também dessas influências externas, a matéria do jornalista Durval Ferreira, sobre profissões do futuro, destacou a “Geriatrics – a ciência da terceira idade”, pois existia uma expectativa de 13,8 milhões de sexagenários para o ano 2000. Ele falava de uma “Geriatrics preventiva e recuperativa”, através de pílulas artesanais e algumas importadas (como o *ginseng*). Na confusão entre geriatrics e gerontologia, que ainda se faz, ele concluiu como se já fosse ponto pacífico: “Como se sabe, geriatrics não é a especialidade para tratamento da senectude como doença, particularmente reservada à gerontologia, mas sim método de tratamento, rejuvenescimento do vigor físico e mental das pessoas próximas ou em plena terceira idade”. Há que se considerar também que, àquela época, o termo “terceira idade” era confuso em seus significados. Ele apontava, ainda, para os “novos e rendosos mercados de trabalho, exclusivos da terceira idade – filão de ouro”: fisioterapeutas, preparadores físicos, indústria de equipamentos especializados e de cosméticos são citados como exemplos⁵⁵. “Retin A” fora anunciado como solução para o fim das rugas. Seu princípio ativo: tretinoína (vitamina A ácida) ou ácido retinoico. O tratamento, no entanto, não era apresentado como eficaz para rugas profundas, pois revelara alergia nas cobaias. A melhor alternativa sugerida era a cirurgia plástica.⁵⁶ Mas no início da década, as alternativas cosméticas e

aplicativas eram recorrentes, como o colágeno, por exemplo, que aparece na mesma revista que estampa Luiza Brunet seminua na capa. A ciência a serviço do rejuvenescimento estaria associada a um ideal de beleza (jovem) a se atingir.

Na linha dos conselhos, seis páginas davam dicas de “como passar dos 40 sem envelhecer”. Resumidamente: 1. ter cuidados com o sol (usar filtro protetor e evitar horários de sol a pino); 2. não fumar; 3. fazer três refeições diárias (carnes brancas, evitar álcool e ingerir clara de ovo, considerado um alimento completo); 4. ter vida sexual ativa; 5. praticar esportes e exercícios físicos sem excessos; 6. manter o cérebro em exercício para evitar a perda da memória; 7. implantes placentários na região pubiana para reativar a circulação sanguínea e rejuvenescer a pele; 8. procainoterapia – injeções venosas despertariam a libido, melhorariam a visão e o paladar, bem como promoveriam regeneração dos tecidos. A matéria ressalta que as duas últimas dicas não tinham respaldo científico sobre seus efeitos, mas que eram defendidas por gerontologistas.⁵⁷

Da Inglaterra veio a notícia⁵⁸ de que Toni Del Renzio, aos 70 anos de idade, entrara para o livro dos records “como o pai de quádruplos mais idoso do mundo e o primeiro ancião a se tornar pai de proveta”. Havia “empecilhos de ordem técnica que impediam Toni de realizar seu sonho” (de ser pai). Os “especialistas em fertilidade resolveram ajudar a natureza enfraquecida de Toni”. A mãe, Doris, tinha 38 anos de idade.

As novas tecnologias reprodutivas, as pílulas revitalizantes, as dietas e prescrições de regras de bem viver passam a participar de uma certa “dietética”, “econômica” e “erótica” – regras de controle, mesmo que diferentes daquelas dos gregos, analisadas por Foucault.⁵⁹

A beleza de Tônia Carrero também foi destacada pela *Mancheté*⁶⁰ (em outros vários números da revista). A “eternamente jovem” fora escolhida, naquele ano de 1986, como uma entre as dez mulheres do ano pela sua carreira e por seu livro autobiográfico, *O monstro de olhos azuis*. Entre as dez, Tônia e Carmem Prudente (então eleita pela sua luta frente à Fundação Antônio Prudente) foram destacadas pela sua idade avançada, e Rita Camata (eleita a deputada mais jovem) pela (considerada) pouca idade.

O processo histórico impôs a exposição da beleza do corpo da mulher jovem. Aquelas que atingem a fase convencionada da velhice e se mantêm belas “apesar da idade” são colocadas como ícones, exemplos a serem seguidos, uma referência de ideal. As intervenções médicas ou mesmo a produção performática para “vender” uma imagem de juventude permanente envolvem uma série de custos sobre os quais não se fala. A exposição do corpo “civilizado e fotogênico”⁶¹ tornara-se um dever.

Foram classificadas quatro reportagens dentro do considerado “comportamento sexual”. Duas delas estão relacionadas às mulheres e duas aos homens. Todas, no entanto, refletem o preconceito com relação à sexualidade entre os(as) idosos(as), como se a eles(as) não mais fosse permitido falar sobre sexo ou como se nem sequer houvesse sexualidade para essa população.

Uma reportagem⁶² fala da ausência de sexualidade, pois ao tratar sobre o “comportamento sexual da mulher brasileira”, uma pesquisa feita pela LPM/Burke/Manchete em 1981 considerava três faixas etárias (de 18 a 24, 25 a 34 e 35 a 49 anos) – a última faixa revelava maiores porcentagens de satisfação nas relações sexuais (no que dizia respeito à frequência, vontade e orgasmo). No entanto, nenhum dado fora apresentado sobre as mulheres acima dos 49 anos, o que pode ser um indicador da pouca importância dada à sexualidade de mulheres em idade avançada.

Outra reportagem⁶³ mostra o depoimento de Dercy Gonçalves, então com 75 anos de idade (ela repetirá com menos ênfase essa memória aos 80, quando a *Manchete* fez a reportagem comemorativa de seu octagésimo aniversário). A atriz dizia ter sido estuprada por um “homem muito influente” da região de Londrina que, depois de levar outras atrizes da companhia de teatro para jantar, entregou-as no hotel e convidou Dercy para mais um “papinho”. Levou-a para um motel, onde a teria jogado na cama e dado-lhe “tapas na cara”. E completava a depoente:

Reclamar? [...] A culpada seria sempre eu. “Abusar de uma velhinha como ela?”, iria exclamar, se eu fizesse algum escândalo. Calci, e voltei para o sofá do meu psicanalista. [...] Hoje, se quiser sexo, procuro, escolho, verifico se o animal está em forma, pago e jogo a casca fora, definitivamente. Com sexo, não me agrido nunca mais.

Mesmo considerando a carga de irreverência que marca a personalidade de Dercy Gonçalves,⁶⁴ pode-se inferir na sua fala o estigma em torno da profissão de atriz, que durante muito tempo, e talvez ainda mais para sua geração, não era reconhecida como profissão e sim como sinônimo de prostituta. Há que se considerar o peso que a idade e o envelhecimento conferiram a Dercy, no sentido de lhe darem respeitabilidade e valor, pois ela não se curvou aos padrões colocados às mulheres de sua época. Ela foi e ficou sendo a “desbocada” (por falar o que pensa e sem medir palavras polidas) e “irreverente” – adjetivos que a colocam no patamar das “mulheres libertárias”.

Na foto que ilustra a reportagem citada, há um jogo com espelho, com outras fotos de Dercy na juventude. O local (banheiro) intimista reforça a imagem de quem não quer esconder sobre sua vida. Dercy depõe sobre o preconceito existente da sexualidade a partir de três elementos intercambiantes: o lugar social, uma questão de classe (ela como atriz); o gênero (ela como mulher); e, sobretudo, a geração (ela enquanto pertencente a uma geração e vivendo uma época da vida com configurações próprias da idade). “Abusar de uma velhinha” seria motivo de graça, pois quem acreditaria, se ela dissesse, que era atraente e desejável sexualmente? No próprio entendimento da depoente, que revela um senso comum, não haveria ninguém.

A sexualidade na velhice há muito é encoberta, negada, controlada – quando admitida, muitas vezes é relevada como atitude de “coitados” (como se quisessem dizer: deixem que se divirtam e que pensem que podem). Todavia, mesmo em instituições asilares,⁶⁵ onde os espaços são separados para homens e mulheres, os idosos mostram que existe uma sexualidade, um desejo sexual que algumas vezes pode se traduzir em beijos, gestos de carinho, palavras até implicantes, olhares e/ou querer o(a) outro(a) por perto. É o cotidiano das instituições, até mesmo familiar (as regras e a disciplina, mesmo que à custa de medicação), que acaba por acomodar os comportamentos, tornando-os mais “dóceis” e “fáceis”. Essas condutas marcadas pelo gênero e geração são também fruto daquilo que Freud chamou, lá na década de 1930, de “renúncia ao instinto”, pela opressão e repressão de instintos poderosos, que a civilização moderna construiu.⁶⁶

A sexualidade para os homens envelhecidos aparecia problematizada na impotência. As alternativas anunciadas como solução eram: injeção de prostaglandina⁶⁷ e uma droga com um nome nada comercial (LY 163502).⁶⁸ As injeções no pênis eram consideradas revolucionárias se comparadas às próteses. Elas estavam no caminho entre as soluções aparentes e as inconfessáveis (pílulas ingeridas via oral, das quais o Viagra seria pioneira na década posterior).

No início da década de 1980, a revista destacou pela idade e valorizou o trabalho voluntário de uma mulher como Carmem Anes Dias Prudente, prima do escritor Érico Veríssimo e viúva, desde 1965, do médico Antônio Prudente, com quem trabalhou para construir um hospital que recebeu seu nome. A reportagem⁶⁹ colocava a instituição, inaugurada em 1946, como modelo no tratamento do câncer, em São Paulo. Após a morte de seu cônjuge, Carmem Prudente teria dado continuidade à obra com o objetivo de proporcionar melhores condições às vítimas do câncer: “Vestiu-se de rosa para dar mais alegria às suas pacientes”, e seu trabalho era “levar diariamente conforto e esperança aos doentes de seu e de outros hospitais de cancerosos”. Aos 68 anos de idade, ela teria criado o “primeiro serviço telefônico da América Latina, especialmente feito para prestar informações úteis sobre o câncer”. Ela escrevera até então 14 livros cujos direitos autorais haviam sido destinados ao hospital. O tapete vermelho que o papa João Paulo II pisou em visita a Aparecida do Norte, ela estava retalhando para vender seus pedaços como relíquias e o dinheiro seria revertido para “suas obras caridosas”. Tudo isso lhe valeu o título de “a Mulher do Mundo 80” – Prêmio Internacional Saint-Vincent – eleita por embaixatrizes credenciadas junto ao governo italiano. O prêmio foi entregue no salão da Prefeitura de Roma, em 16 de novembro de 1980. Carmem Prudente representava uma fatia das mulheres de classe média e alta que dedicavam seu tempo livre à filantropia e à caridade, e eram, por sua vez, muito importantes, pois exerciam uma ligação estratégica entre os poderes governamentais, marcadamente exercidos por homens (maridos, parentes ou maridos e/ou parentes das amigas).

Entre os eventos internacionais de grande repercussão no Brasil, vale destacar a Assembleia Mundial da ONU (Organização das Nações Unidas), em

Viena, que elegeu o ano de 1982 como Ano Internacional do Idoso. A *Manchete*⁷⁰ dizia:

A ONU promoveu o encontro à procura de uma resposta e, se não faltaram representantes das nações industrializadas, ainda mais ativa está sendo a participação das delegações dos países do Terceiro Mundo: a inquietação parece ser geral, e uma das vozes que estão falando alto é a do Brasil.

Estiveram nessa assembléia: o então embaixador do Brasil em Viena, Geraldo Eulálio Nascimento e Silva, “um membro da Assembleia Nacional da Velhice, realizada em Brasília”, Euclides de Oliveira, e “membros do Ministério da Saúde e da SBBG” (sem nomes citados). Ainda a mesma reportagem dizia que o Brasil não apresentou relatórios de programas assistenciais, por não possuir recursos para aplicação de métodos sofisticados como os utilizados pelas nações ricas. Havia também a informação de que o professor Herberto Miranda, reitor da Universidade Internacional da Terceira Idade, sediada em Lisboa, visitaria o Brasil no final daquele ano para inaugurar uma espécie de filial da universidade no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A experiência pioneira de Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), no Brasil, esteve ligada à UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e partiu da iniciativa de médicos que acreditavam que uma universidade pública deveria criar e manter um centro de referência para “as necessidades específicas da terceira idade”, com apoio “adequado” tanto para idosos como para os que deles cuidam.⁷¹

A discussão nacional sobre envelhecimento no Brasil parece ter se interessado pelas impressões de “meninos e adolescentes” sobre a “terceira idade”. A coluna de Pedro Bloch,⁷² intitulada “Velhice não é pecado”, que tratava de uma “pesquisa” entre esse público, concluía, dizendo: “Neste ano do idoso, não chamem idoso de idoso. Chamem de velho, mesmo. Não olhem o que foi somente, mas, sobretudo, o que ainda é e será, num mundo melhor e mais justo”. De maneira superficial, o colunista revelava as inquietações do debate discursivo em torno de como se referir à população envelhecida e às perspectivas de futuro.

Parecia haver interesse, naquele ano de 1982, em dizer o que pensavam esses ou aqueles sobre envelhecimento e o que se fazia para ou com idosos. Nos anos seguintes da mesma década, não encontrei nenhuma notícia na *Manchete* sobre qualquer tipo de reunião de idosos. Apenas uma pequena matéria,⁷³ escrita por Renato Savaresse, na sessão “Esta semana”, que ficava no final da revista, contava que o Ilha Porchat Club havia um ano servia de local de encontro para homens e mulheres entre os 60 e 105 anos de idade. Dizia o anúncio que no começo, “os animados velhinhos eram apenas 77, todos do Lar Vicentino, em São Vicente [Baixada Santista, Estado de São Paulo]. Gostaram da experiência, a ideia pegou, várias entidades aderiram e hoje mais de 1.600 pessoas comparecem”. O então presidente do clube, Odárcio Oliveira Ducci, que teria tomado a iniciativa de organizar os encontros, dizia ter um projeto de construir uma “Cidade dos Idosos”, onde “haveria assistência médico-hospitalar e social para todos, além de espaço destinado à horticultura e à jardinagem, infraestrutura com a finalidade de amparar o idoso e ajudá-lo a sentir-se útil, integrado e feliz”. Completava dizendo que enquanto o projeto não se tornava concreto, “os nossos velhos vão organizando seus concursos de danças, os festivais de doces finos, as rodadas de tómbola...”. De certa maneira, era recorrente a ideia de que alguém ou algumas pessoas mais influentes deveriam se sensibilizar com uma população idosa carente e fazer alguma coisa por ela, ou oferecer condições para que os idosos fizessem algo para si. A distração, a festa, o encontro serviriam como consolo às amarguras. A caridade servia à benevolência e escamoteava certa invisibilidade que, sobretudo as populações mais pobres, viviam ao envelhecer.

O mercado de consumo que se cria e que movimenta esse comércio paradoxal da velhice (porque se nega a própria) está colocado nos vários discursos produzidos e datados. Por intermédio das revistas é possível perceber uma imposição subliminar de consumo de bens específicos que indicam como aqueles que não se sentem velhos devem proceder e como os que se sentem velhos podem escamotear ou esquecer.

Mesmo que as revistas não tratem diretamente do tema do envelhecimento, o apelo para uma maneira mais adequada de envelhecer estava colocado, nos textos, nos anúncios publicitários, nas imagens. Grandes nomes

do universo cinematográfico hollywoodiano passaram a compor o imaginário de beleza de uma geração que tomou personagens e pessoas como modelo. O despojamento, a disposição, a beleza, mesmo que performáticos, estavam colocados a todos(as) que tinham acesso à revista, como ideais a serem alcançados ou buscados, ou não. Não foi noticiada a morte de muitos dos atores citados nesta minha pesquisa. De alguma maneira, eles foram imortalizados nos imaginários de uma geração.

A assimilação e a interferência na vida de muitas pessoas que viveram a velhice nessa mesma década dependiam das questões de classe, que são, inegavelmente, determinantes dos acessos e condições econômicas de consumo, mesmo que o sonho esteja para todos(as). Todavia, nas performances de gênero e geração é possível ser muitas coisas que, sob o aspecto frio da classe, não seriam concebíveis. Nessa “coalizão aberta”, utilizando as palavras de Judith Butler, é possível afirmar identidades instituídas e abandonadas, conforme as propostas em curso.⁷⁴

Analisando comparativamente as fontes trabalhadas neste artigo, percebe-se que existem temáticas circulares na mídia em questão, especialmente no que tange à temática geral da velhice ativa, movimentando o comércio dos tratamentos estéticos, dos cuidados de si e das questões de gênero que aparecem sempre colocadas. No entanto, as revistas propiciam uma viagem num mundo distante, por vezes ilusório e inatingível.

NOTAS

* Doutora em História pela UFSC (2007). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFMT. E-mail: anamariamarques.ufmt@gmail.com

¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1994. p. 38.

² *Ibidem*, p. 39.

³ GAY, Peter. *A experiência burguesa, da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. p. 167.

⁴ ALVES, Andréa M. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro, FGV, 2004. p. 17.

⁵ LOPES, Andréa. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas, Alínea, 2000. p. 192.

⁶ *Ibidem*, p. 153.

⁷ *Ibidem*, p. 183.

⁸ PIRES, André. *Velhos em revista: envelhecimento e velhice nas páginas de Claudia e Playboy (anos 80 e 90)*. Campinas, Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

⁹ OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. *Beleza: uma questão de Gênero. Rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1990)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

¹⁰ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 108.

¹¹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.477, 9 set. 1980.

¹² *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.459, 5 abr. 1980. Essa reportagem foi de fato anunciativa: no mesmo mês, Sartre faleceu e a revista (*Manchete*, n. 1.463, 3 maio 1980) dedicou dez páginas a homenageá-lo. Fotos mostram vários momentos da vida dele e do seu funeral, quando Simone de Beauvoir aparecia, de cabelos quase completamente brancos, “à beira do túmulo, no comovente adeus”.

¹³ No penúltimo filme que protagonizou, *Oriundi*, lançado em 2000, produzido pela Warner Brasil e dirigido por Ricardo Bravo, Anthony Quinn, aos 84 anos de idade, interpreta um velho imigrante italiano de 93 anos de idade. No ano seguinte ao lançamento do filme, ele faleceu.

¹⁴ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.516, 9 maio 1981.

¹⁵ Briebe foi ainda atuante como atriz durante toda a década de 80. Em 1995, faleceu aos 94 anos de idade.

¹⁶ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.532, 28 ago. 1981.

¹⁷ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.538, 10 out. 1981.

¹⁸ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.542, 7 nov. 1981.

¹⁹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.891, 16 jul. 1988.

²⁰ “A militância feminista de Betty Friedan a marcou para a vida inteira e influenciou os estudos sobre gênero e mulheres nas universidades americanas. Outros escritos importantes vieram, mas nenhum alcançou a mesma repercussão de *Mística feminina*, alçado à condição de clássico [...] *The Fountain of Age* (*A fonte da idade*), 1993 [...] animou as discussões sobre o envelhecimento, tema de palestras proferidas por ela até pouco tempo atrás em seu país. Se de uns anos para cá, Betty Friedan se afastou da temática feminista, sendo acusada inclusive de traidora da causa por feministas radicais. As marcas de seu livro mais importante permanecem entre nós e nos fazem questionar se a “mística feminina”, objeto de preocupação daquela dona de casa inquieta e questionadora, realmente acabou ou apenas transformou-se, tomando formas menos aparentes na sociedade atual.” (DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty

Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. In: *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, abr. 2006.

²¹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.548, 19 dez. 1981.

²² O maestro assumiu a batuta da Orquestra Sinfônica de São Paulo durante 24 anos, desde 1971, quando voltou de consagrada carreira pelos Estados Unidos. Morreu em 1996, aos 84 anos de idade.

²³ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.574, 19 jun. 1982.

²⁴ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.565, 17 abr. 1982.

²⁵ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.594, 6 nov. 1982.

²⁶ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.616, 29 jan. 1983.

²⁷ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.618, 23 abr. 1983.

²⁸ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.621, 14 maio 1983.

²⁹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.920, 4 fev. 1989.

³⁰ “Greta não voltou às telas depois de *Duas vezes meu*, de 1941, parou de filmar aos 36 anos, no auge de sua beleza e seu sucesso. Durante a sua carreira, ela teve quatro indicações para Oscar de melhor atriz, por *Romance* (1930), *Anna Christie* (1930), *A dama das camélias* (1936) e *Ninotchka* (1939). Mas acabou ganhando só um Oscar honorário, em 1955. Deixou Hollywood para viver num grande apartamento na Rua 52, em Nova York, com vista para o East River. Só posou para fotos em mais três ocasiões, para Cecil Beaton, Anthony Beauchamp e George Hoyningen-Huene. Depois disso, centenas de *paparazzi* tentaram capturar o que o envelhecimento estaria fazendo com seu rosto magnífico. Tudo o que conseguiram foram uma imagem granulada de uma esfinge sueca, sempre escondida por chapéus, óculos escuros e lenços.” (Tonica Chagas para *O Estado de S. Paulo*, 30 out. 2005, Caderno 2.) Greta Garbo faleceu no dia 15 de abril de 1990, aos 84 anos de idade.

³¹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.621, 14 maio 1983.

³² *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.633, 6 ago. 1983.

³³ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.830, 16 maio 1986.

³⁴ “Euryclides de Jesus Zerbini morreu em 23 de outubro de 1993, aos 81 anos, em plena atividade.” Disponível no site: <http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/ciencia>. Acesso em: 20 out. 2012. Esta pesquisa feita pela revista *IstoÉ*, para eleger “O brasileiro do século”, colocou o dr. Zerbini em oitavo lugar, entre 20, na categoria Ciência, Tecnologia & Educação.

³⁵ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.842, 4 ago. 1987.

³⁶ Adolpho Bloch, fundador da Bloch Editores, inaugurou também, em 1983, a rede de televisão Manchete. Em 1995, ele foi internado no hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, para tratar dois problemas: embolia pulmonar e disfunção da prótese da válvula mitral do coração. No dia 19, seu quadro agravou-se, precisou ser operado, mas não resistiu e faleceu, aos 87 anos. Não teve filhos e, com isso, as empresas do grupo passaram para o controle de seu sobrinho Pedro Jack Kapeller, que ficou no comando até o ano 2000, quando o Conglomerado Bloch deixou de existir.

³⁷ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.914, 24 dez. 1988.

³⁸ É pouco provável que a atriz pudesse ter tido uma rotina assim durante sua carreira nas décadas anteriores. Nesse momento, ou seja, no final da década de

1980, Katharine Hepburn atuava apenas em teledramas. Em 1991, ela publicou sua biografia e em 1994 teve suas últimas aparições em filmes. Morreu em julho de 2001, aos 96 anos de idade, considerada uma das atrizes que mais receberam indicações de Oscar e a que mais recebeu estatuetas (quatro de melhor atriz). Disponível em: <<http://www.cinemaemcena.com.br/variedades/>>. Acesso em: 11 out 2006.

³⁹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.873, 10 out. 1987.

⁴⁰ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.888, 7 maio 1988.

⁴¹ “O sucessor de Karajan foi o italiano Claudio Abbado, que expandiu o repertório da orquestra na música contemporânea. Simon Rattle, o atual diretor, fez dessa expansão uma condição para a assinatura de seu contrato com a Filarmônica de Berlim, assumindo o cargo em 2002. Desde que assumiu o cargo, a orquestra é uma instituição pública com poderes de decisão artística e financeira próprios, feito esse conseguido com uma alteração das leis em 2001.” Disponível no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Orquestra_Filarmonica_de_Berlim. Acesso em: 10 out. 2006.

⁴² *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.924, 4 mar. 1989.

⁴³ “[...] o simpático e genial velhinho”: 50 anos de carreira, 53 filmes. Morreu aos 80 anos. Ele teria dito no ano anterior: “Nosso passatempo preferido deve ser nossa profissão”, segundo a revista *Manchete*, n. 1.465, de 17 de maio de 1980.

⁴⁴ “[...] só depois de Velho, Agenor de Oliveira viu suas músicas consumidas e conheceu o sucesso, tornando-se um mito da música popular brasileira”. A reportagem sobre o funeral de Cartola falava de seus 72 anos de vida. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.495, 13 dez. 1980.

⁴⁵ A *Manchete* n. 1.780, de 31 de maio de 1986, não diz a idade que ela tinha ao falecer aos 14 de abril, mas lembra que ela viveu quase 50 anos ao lado de Sartre, falecido em 1980.

⁴⁶ A *Manchete* n. 1.784, de 28 de junho de 1986, anunciou a morte do escritor argentino Borges, vitimado pelo câncer no fígado, em Genebra, 14 de junho, aos 87 anos de idade. No entanto, a polêmica maior trazida pela revista em número anterior e posterior era sobre os interesses e porquês de seu casamento com Maria Komona, 41 anos mais nova que o escritor à beira da morte.

⁴⁷ A *Manchete* n. 1.848, de 19 de setembro de 1987, anunciava que o ator e diretor norte-americano morrera às vésperas de completar 81 anos – era um “monstro sagrado”.

⁴⁸ “Vivia com pouco. Contentava-se com *pasta e vino*, além de muito alho – ao qual atribuía sua longevidade – e um punhado de amigos desinteressados. [...] Suas bandeirinhas são uma festa para os olhos e para o espírito, o traço infantil de um artista de complexa maturidade.” Alfredo Volpi, italiano de nascimento, vivera 88 anos no bairro paulistano de Cambuci, faleceu aos 92 anos de idade, notícia a revista *Manchete* n. 1.886, de 11 de junho de 1988. Quando completou 84 anos de idade, e fora homenageado, o artista plástico teria dito: “Faço o que gosto, tenho boa saúde. Para mim, trabalho é vida. Se trabalho, estou vivo, como se tivesse 20 anos”. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.471, 28 jun. 1980.

⁴⁹ Um pouco desse sentimento foi que experimentou Vavy Pacheco Borges, quando escreveu sobre Gabrielle Brune-Sieler. In: BRESCIANI, Stella;

NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, Unicamp, 2001.

⁵⁰ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.596, 20 nov. 1982.

⁵¹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.598, 4 dez. 1982.

⁵² *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.702, 1º dez. 1984.

⁵³ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.606, 29 jan. 1983.

⁵⁴ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.632, 30 jul. 1983.

⁵⁵ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.733, 6 jul. 1985.

⁵⁶ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.873, 12 mar. 1988.

⁵⁷ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.832, 30 maio 1987.

⁵⁸ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.750, 2 nov. 1985.

⁵⁹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 9. ed. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

⁶⁰ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.811, 3 jan. 1987. Em 1980, a revista (*Manchete*, n. 1 468, 7 jun.) dissera que Tônia tinha 58 anos de idade e dava seus segredos de beleza, comparando-se a Ingrid Berman – “bela e talentosa”.

⁶¹ SANT’ANNA, Denise B. *Corpos de passagem*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001. p. 69.

⁶² *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.527, 25 jul. 1981.

⁶³ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.575, 26 jun. 1982.

⁶⁴ Dercy Gonçalves completou, em junho de 2006, 99 anos de idade, 81 de carreira, e lançou dez filmes estrelados (entre mais de outros dez, mais participações em novelas televisivas) em DVD. Disponível no site: <http://www.folha.uol.com.br>, 19 jun. 2006 – 16h24. Acesso em: 10 out. 2012.

⁶⁵ Ver: SCHMITT, Jaqueline Aparecida Zarbato. *O Lar de Velinhos Irmão Erasto: muitas histórias para contar (O cotidiano da entidade espírita/Florianópolis – 1956-2000)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

⁶⁶ FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 1997. p. 52.

⁶⁷ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.937, 3 jun. 1989.

⁶⁸ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.877, 9 abr. 1988.

⁶⁹ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.499, 10 jan. 1981.

⁷⁰ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.567, 1º maio 1982.

⁷¹ VERAS, Renato; CAMARGO Jr., Kenneth R. Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. In: VERAS, Renato(org.). *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/UnATI-UERJ, 1995. p. 24.

⁷² *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.567, 1º maio 1982.

⁷³ *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.590, 9 out. 1982.

⁷⁴ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. p. 37.

Data de envio: 11/08/2012

Data de aceite: 02/09/2012